

II. DOSSIÊ

CONVULSÕES SOCIAIS NO ANTIGO EGITO: OS TRABALHADORES DA NECRÓPOLE TEBANA NO FINAL DO NOVO REINADO

Thomas Henrique de Toledo Stella¹

RESUMO: O período do Novo Reinado no Antigo Egito foi encerrado em um contexto de convulsões sociais que minaram a autoridade faraônica, contribuindo para que o Alto e o Baixo Egito dividissem-se. Ao mesmo tempo em que se assiste à ascensão do peso dos templos na economia, em especial do Domínio de Amon, verifica-se o enfraquecimento do poder faraônico centralizado. Com uma crise econômica instalada, os trabalhadores da Necrópole Tebana começam a rebelar-se e, como forma de reivindicação, paralisam os trabalhos naquela que ficou registrada como a primeira greve da História, sucedida por muitas outras. Após terem enfrentado ladrões de tumbas, ataques de bandos líbios e uma guerra civil, esses trabalhadores acabaram por deixar a vila de Deir el-Medina e integraram-se à indústria de pilhagem de tumbas reais, que se instalou em Tebas nos últimos anos da 20ª Dinastia. Isto representou um novo fator de dinamismo para aquela economia.

PALAVRAS-CHAVE: Antigo Egito; Deir el-Medina; Tebas; Novo Reinado; Período Raméssida.

ABSTRACT: The period of the New Kingdom of Ancient Egypt ended in a context of social convulsions that mined the pharaonic authority, contributing to the division between Upper and Lower Egypt. At the same time that one see the rise of the weight of temples in the economy, especially of the Domain of Amun, one can verify the weakening of the pharaonic centralized power. With an economic crisis installed, the workers of the Theban Necropolis started to rebel and, as a form of claim, they stopped working in that what became registered as the first strike in History, succeeded by many others. After they had faced tomb looters, attacks from Libyan bands and a civil war, these workers eventually left the Deir el-Medina village and joined the pillage industry of the royal tombs, installed in Thebes by the end of the 20th Dynasty. It represented a new factor of dynamism to that economy.

KEYWORDS: Ancient Egypt; Deir el-Medina; Thebes; New Kingdom; Ramessid Period.

¹ Doutorando em Arqueologia pelo MAE/USP, Mestre em Desenvolvimento Econômico pelo IE/Unicamp e Historiador pela FFLCH/USP. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. E-mail: djehuty@usp.br.

O próspero período do Novo Reinado (1.550-1.069 a.C.)² no Antigo Egito foi encerrado por uma série de convulsões sociais, greves, conspirações, corrupções, ataques de bandos estrangeiros, guerra civil, roubos e pilhagem de tumbas. Tudo isto contribuiu para minar a autoridade do poder faraônico, tanto no aspecto religioso-simbólico, quanto no da legitimidade de seu poder político de dar resposta aos problemas enfrentados pela população. A combinação desses eventos foi decisiva para o desmantelamento do Estado faraônico unificado.

Enquanto a documentação do período em questão referente ao Alto Egito (especialmente na atual Luxor) é abundante, a do Baixo Egito (onde ficava a capital Per-Ramesse) é escassa. Documentos oficiais como o Papiro Harris (BM9999) e o Papiro Wilbour permitem analisar, sob a perspectiva do Estado, alguns aspectos macro da economia egípcia. Já as fontes oriundas dos trabalhadores no complexo funerário da Necrópole Tebana, que habitavam a vila hoje chamada de Deir el-Medina, permitem analisar os eventos sob a ótica dos que trabalhavam a serviço do Estado.

Este artigo revisa a historiografia da 20^a Dinastia do Antigo Egito (ver fig. 1), última do Novo Reinado e do Período Raméssida, com o objetivo de reconstruir os eventos de seu desfecho, enfatizando o papel dos trabalhadores da Necrópole Tebana no processo.

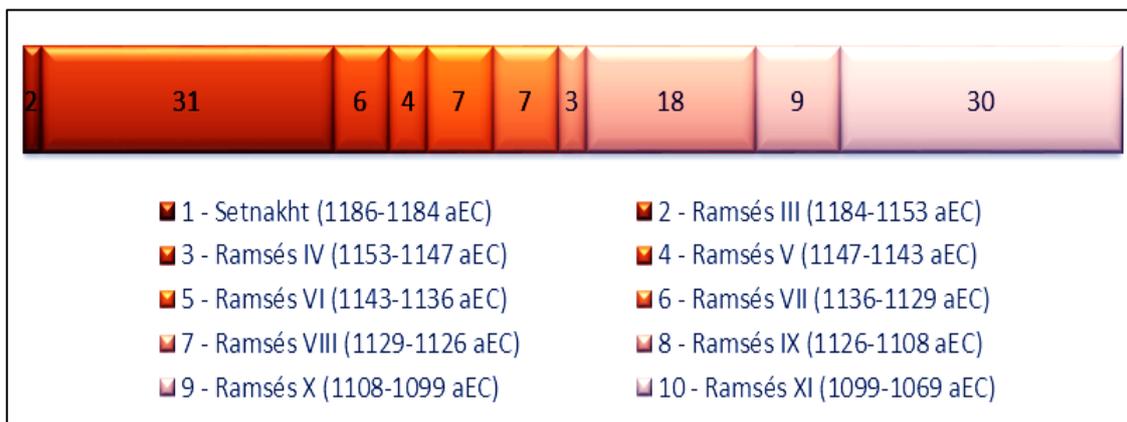


Fig. 1 – Tempo de Reinado dos Faraós da 20^a Dinastia do Antigo Egito. Baseado em Shwan, 2000, p. 485.

Ele está dividido em três partes. Na primeira, apresentam-se características da vida dos trabalhadores da Necrópole Tebana, a organização do trabalho e seu

² A referência à cronologia neste artigo será baseada na *The Oxford History of Ancient Egypt* de Shwan (2000).

assalariamento. A segunda analisa a explosão das contradições da economia faraônica e as consequências para os construtores. Na terceira, procura-se entender a conjuntura da crise do Novo Reinado, quando os moradores da vila dos trabalhadores da Necrópole Tebana abandonaram-na. Conclui-se retomando a importância do legado daqueles que protagonizaram a primeira greve da História.

1. A Vila no “Lugar da Verdade” no Contexto do Império Egípcio

Depois de uma fase sob domínio das forças externas dos Hicsos, Ahmose (1.550 a 1.525 a.C.) reunificou o Alto e o Baixo Egito e iniciou a 18ª Dinastia. Abriu-se o Novo Reinado (1.550 a 1.069 a.C.). Economicamente, é uma fase de apogeu no desenvolvimento das forças produtivas. Produziu-se uma cultura material diversificada a partir do conhecimento acumulado do passado e da abertura à inovação. É uma fase na qual a escrita encontrava-se plenamente desenvolvida, ao entrar em sua segunda fase: o neoegípcio. Foi no Novo Reinado que o Antigo Egito tornou-se um Império de grandes dimensões, estendendo-se de seu próprio continente africano até a Ásia levantina. A cidade Wast (𓏏𓏏, *w3st*), localizada no Alto Egito, era chamada pelos gregos de Tebas e atualmente é designada por Luxor. Foi a capital do Antigo Egito na 18ª Dinastia e guardou os registros escritos e materiais de eventos decisivos nos processos de ascensão e queda do Novo Reinado.

Nesta época, instalou-se um novo contexto funerário, no qual os faraós passaram a ter suas tumbas escavadas nas colinas tebanas, onde hoje se conhece como Vale dos Reis. Nas proximidades, em outras colinas, foram cavadas as tumbas nos assim chamados Vale das Rainhas e Vale dos Nobres. Neste imenso complexo funerário de Tebas Oeste, conhecido por Necrópole Tebana, ficavam sepultados em seus ataúdes os corpos mumificados dos falecidos da realeza, da nobreza e também dos trabalhadores. Enquanto os túmulos dos reis, rainhas e nobres eram luxuosos e abundantes de bens materiais que deveriam acompanhá-los para o além-vida, os dos trabalhadores eram mais modestos. Pouco abaixo das montanhas, para celebrar a memória registrada dos monarcas falecidos, foram erguidos templos funerários memoriais (ou “casa dos milhões de anos”):

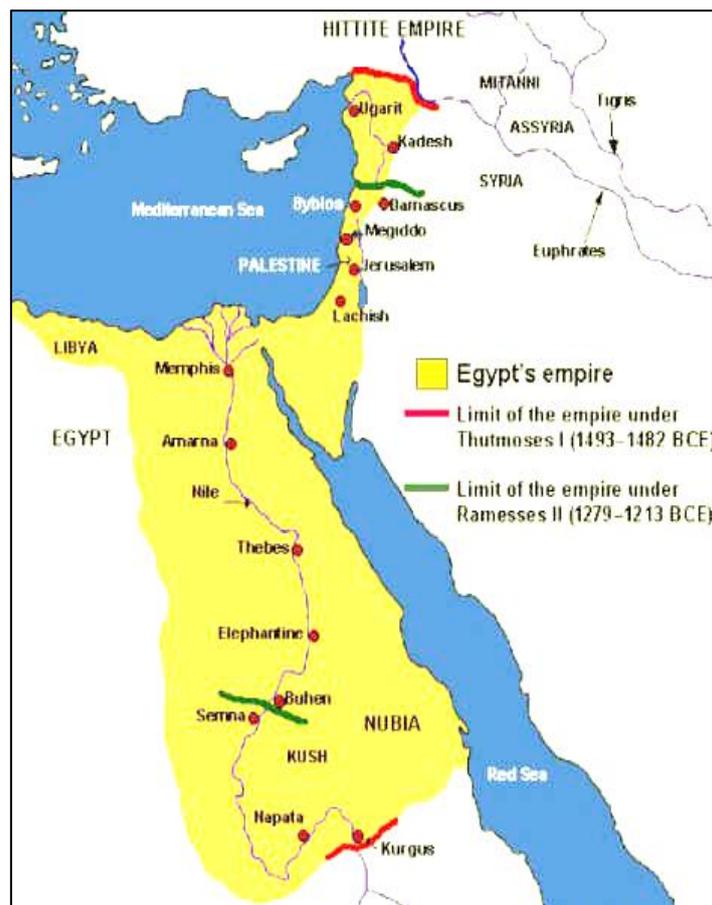


Fig. 2 – O Império Egípcio do Novo Reinado. Fonte: <<https://usaabdullah.wordpress.com/new-kingdom-of-egypt/>>

Para atender à demanda por construção, manutenção e vigilância das tumbas, foi construída a vila a qual os egípcios chamavam de Set-Maat (, *st-m³t*), ou “Lugar da Verdade”.³ Esta vila formou o sítio arqueológico que contemporaneamente leva o nome de Deir el-Medina (fig. 4). Seu padroeiro era o faraó Amenhotep I (1.525 a 1.504 a.C.), a quem os habitantes rendiam culto religioso, pois foi ele quem provavelmente ordenou sua fundação. Localizado nas colinas tebanas, o sítio guarda a fundação das casas, muros, portão e áreas comuns, preservando o plano da vila. O assentamento foi ocupado no começo da 18ª Dinastia e perdurou até fins da 20ª Dinastia, compreendendo, portanto, praticamente todo o período do Novo Reinado. Junto à vila, foram construídos templos e uma necrópole com tumbas privadas familiares.⁴

³ Os trabalhadores da Necrópole Tebana, intitulavam-se sDm-aS m st-mAat, “Servidores do Lugar da Verdade”. Também eram referidos como tA ist, “a equipe” ou rmT-ist n pA kr “homens da equipe da tumba” (Eyre, 1987, p. 168).

⁴ As imediações de Deir el-Medina possuem ocupações de períodos posteriores, formando palimpsestos.

A região já vinha sendo explorada desde o século XVIII, mas as primeiras escavações arqueológicas em Deir el-Medina tiveram início no começo do século XX com o italiano Ernesto Schiaparelli, o alemão Georg Möller e o francês Émile Baraize. A limpeza sistemática do sítio ocorreu sob a condução de Bernard Bruyère entre 1922 e 1940 e, depois da II Guerra Mundial, entre 1945 e 1951 (Haring, 2001, p. 368). Na vila e em suas proximidades, especialmente no “grande poço” que fora um depósito de material descartado dos antigos, encontrou-se objetos diversos para o uso doméstico, profissional e administrativo. Dentre os achados, estão milhares de escritos hieráticos e iconográficos em óstracos, cerâmicas, estelas, papiros e grafites que constituem as mais importantes fontes sobre a economia, sociedade e cultura dos trabalhadores egípcios do Novo Reinado, com informações sobre todos os aspectos da vida cotidiana.

Segundo Eyre (1987, p. 169), a 18ª Dinastia está virtualmente não-documentada em Deir el-Medina e a maioria dos óstracos data quase totalmente da 19ª e começo da 20ª Dinastia. Os papiros achados em Deir el-Medina são raros, mas os relacionados ao final deste último período foram encontrados em Medinet Habu. Além dessas fontes, o material epigráfico ajuda a contar a história de membros da comunidade, entendendo o desenvolvimento de suas carreiras individuais. Graças à esta documentação, foi possível reconstruir dados sociais de como se organizava a força de trabalho (Černý, 1973). Havia duas equipes, a da “esquerda” e da “direita”. Cada qual possuía um capataz e alguns ajudantes. Suas atividades eram registradas por um escriba real. Tanto o escriba quanto o capataz ficavam subordinados a um chefe, que recebia ordens diretamente do vizir, a máxima autoridade estatal abaixo somente do próprio faraó. Estes trabalhadores representam um recorte de uma determinada categoria na sociedade egípcia: a dos qualificados construtores de tumbas reais, que, em geral, eram os melhores cortadores de pedras, desenhistas, pintores, artesões e decoradores do Reino, apoiados por outros serviços complementares.

Também foi possível verificar como se organizava a microeconomia local a partir da compilação e seriação das informações dos óstracos e papiros que registravam os pagamentos das rações de salário e as pequenas transações comerciais (Janssen, 1975). Os pagamentos eram realizados em produtos, no caso

trigo e cevada.⁵ Um estudo mais recente sobre o salário do trabalhador em Deir el-Medina foi realizado por Mandeville (2014), que verificou em detalhes como se davam os pagamentos e quais os problemas existentes neste trâmite.

Capatazes e escribas recebiam um salário mensal de cinco *khar* e meio de trigo e dois *khar* de cevada, enquanto um trabalhador ganhava quatro *khar* de trigo e um *khar* e meio de cevada, o suficiente para manter uma família com dez pessoas (Lull, 2018, p. 397), pois um *khar* era equivalente a 76.88 litros. Segundo Vernus (2003, p. 54), estes trabalhadores recebiam diariamente o equivalente a dez libras (cerca de cinco quilos) de peixes, além de vegetais, frutas, leite, azeite e óleo, sendo a carne distribuída apenas em ocasiões especiais. Também lhes eram fornecidos lenha, cerâmica, roupas e água, transportada até o local pois não havia um poço capaz de acessar o lençol freático.

No calendário civil egípcio, um mês tinha trinta dias, com três semanas de dez dias, oito dedicados ao trabalho e dois ao descanso. Nos contemporaneamente denominados “Jornais da Necrópoles”, os escribas registravam a lista de quem trabalhava em cada turno, quem os substituíam e quais fatos importantes ocorriam. Os trabalhadores podiam complementar a renda, fazendo atividades extras de “médico” ou “segurança”. Warburton (2006, p. 262) fez uma estimativa do custo do trabalho dos “Servidores do Lugar da Verdade” e, considerando o salário (em grãos) de cem construtores, estimou que seriam necessários cerca de duzentos hectares de terra plantada para abastecê-los.

O salário excedente podia ser trocado por outros bens como alimentos processados (pães, cerveja etc.), animais (peixes, aves e gado para alimentação, bois e burros para transporte), matérias-primas (metais, pedras, madeiras etc.) ou bens manufaturados (roupas, móveis, artesanato, ferramentas, mobília funerária, objetos religiosos etc.). Como muitos produtos comercializados foram passíveis de datação, Janssen (1975) pôde verificar o quanto valiam em comparação com outros bens ao longo do Novo Reinado, especialmente no Período Raméssida.⁶ Sua conclusão foi de que a economia egípcia era estatal e redistributiva, numa abordagem primitivista-substantivista.

⁵ Os trabalhadores envolvidos na construção das tumbas eram assalariados. Como nessa época ainda não existia moeda no Antigo Egito, a unidade de medida *deben* era usada para facilitar a equivalência de troca. O trigo e a cevada eram meio de pagamento e tinham alta liquidez. Ver Bleiberg (1995) e Henry (2002).

⁶ Atualmente, boa parte das fontes primárias sobre Deir el-Medina encontra-se disponível online. Há os sítios Deir el-Medina Thesaurus (<http://www.deirelmedinathesaurus.com/>), com um índice de personagens, monumentos e objetos e o Deir el-Medina Database

Como contraponto à esta visão, Cooney (2008, p. 112) sugere que, a despeito de as fontes possibilitarem mais facilmente o entendimento do setor público, havia um setor privado de trabalho artesanal, dirigido pelos oficiais tebanos e pelos próprios trabalhadores de Deir el-Medina. Esta última parece aproximar-se de Kemp (2006, p. 291), que sugere que no Antigo Egito havia surgido o “homem econômico”, caracterizando-se por uma abordagem associada à corrente formalista, que dialoga com as correntes liberais da Economia Política.

Outra perspectiva é a pós-processualista, sugerida Meskell (1998, p. 209), que faz um estudo dos indivíduos e suas interações sociais em Deir el-Medina, levando em conta fatores como idade, sexo, classe, status e experiência. Combina assim, a cultura material com a teoria social, ao conectar os dados socioculturais, espaciais e temporais. Esta abordagem, no entanto, não está buscando entender a economia, mas as relações sociais.

Há que se mencionar que, a despeito da importância dos documentos relacionados ao trabalho e à economia dos “Servidores do Lugar da Verdade”, esses não generalizam as relações sociais de produção do Antigo Egito, nem mesmo no Período do Novo Reinado. A maioria da população habitava o campo nas atividades agropecuárias e extrativistas. Os templos eram grandes empregadores naquela economia, assim como o Estado e o exército. Portanto, os trabalhadores da vila dos construtores ocupavam uma posição intermediária naquela sociedade, tendo inclusive acesso à cultura letrada e à qualificação profissional, o que não era usual à grande massa social.

2. A Explosão das Contradições e seus Reflexos entre os “Servidores do Lugar da Verdade”

A vila dos “Servidores do Lugar da Verdade”, por suas características de estar diretamente ligada aos próprios faraós, e por ser uma atividade de interesse do Estado, sentiu diretamente o impacto das diversas crises que afetaram o Alto Egito ao longo do Período Raméssida.

(<https://dmd.wepwawet.nl/>), onde encontram-se as informações sobre os documentos catalogados. Existe ainda o Theban Mapping Project (<http://www.thebanmappingproject.com/>), com informações detalhadas sobre a Necrópole Tebana. Por fim, há um portal de tumbas egípcias, o Osirisnet (<https://osirisnet.net/>).

A 19ª Dinastia⁷ iniciou o período Raméssida.⁸ Ela deu continuidade ao império erguido anteriormente, mas os faraós fundadores desta Dinastia eram de Avaris, no Baixo Egito, oriundos do exército. Ramsés II (1.279 a 1.213 a.C.) reinou em um momento de apogeu da economia e do império faraônico. Construiu a nova capital, Per-Ramesse, deslocando o centro de poder político do Alto para o Baixo Egito.⁹ Manteve, contudo, uma relação estreita com o clero de Amon em Tebas. Por governar em um momento de grande prosperidade e por seu longo reinado, Ramsés II pode ser considerado o maior faraó da História, falecendo aos 87 anos.¹⁰ Há registros de que neste período, o salário em Deir el-Medina eram pagos com regularidade (Janssen, 1975, p. 456).

A 20ª Dinastia foi inaugurada por Setnakht (1.186 a 1.184 a.C.), seguido de Ramsés III (1.184 a 1.153 a.C.).¹¹ Ele teve como desafio repelir a invasão de líbios (ano 5) e dos “Povos do Mar” (ano 8), ao mesmo tempo em que se ocupava das questões com a Núbia. Os “Povos do Mar” destruíram o Império Hitita e diversos reinos na região do levante Sírio-Palestino. Paralelamente, no Egeu, a civilização micênica colapsou e a Grécia ingressou na chamada “Idade das Trevas”, na conjuntura do colapso da assim chamada “Idade do Bronze”. Com a situação controlada, o faraó retomou as expedições comerciais a Punt e às minas de cobre em Atika (Djik, 2000, p. 298).

Ramsés III deixou um legado epigráfico monumental com escrituras em seu templo memorial de Medinet Habu e nos complexos templários de Luxor e Karnak, particularmente nos templos dedicados aos Deuses da tríade tebana: Amon, Mut e Khonsu. Foi considerado o último grande faraó, mas em seu reinado explodiram contradições.

⁷ Depois do curto reinado de Ramsés I (1.295 a 1.294 a.C.), Seti I (1.294-1.279 a.C.) consolidou a Dinastia.

⁸ O Período Raméssida (1.295 a 1.069 a.C.) compreende a 19ª e a 20ª Dinastia, de Ramsés I a Ramsés XI.

⁹ Ramsés II ergueu ainda templos monumentais, expressando o ideal imperial em lugares como Abu Simbel (próximo à 3ª catarata do Nilo). Lá, ordenou que escavassem na colina estátuas colossais e um templo dedicado à ele e aos Deuses para mostrar que havia um território com soberano divino. Templos antigos como Karnak, Luxor e o de Osiris em Abidos foram expandidos a fim de assegurar a unidade interna, abalada desde as reformas amarnianas. Para projetar-se externamente, manteve campanhas militares (como Qadesh), ocupações no exterior e rotas comerciais em atividade. Garantiu tratados de paz (especialmente com os hititas), com consequências na economia (Djik, 2000, p. 288-294).

¹⁰ Ramsés II foi sucedido por Merenptah, Amenmessu, Seti II, Siptah e a Rainha Tausret, encerrando a 19ª Dinastia.

¹¹ Sobre Ramsés III, ver Grandet, 1993; Vernus, 2003; Cline e O’Connor, 2015.

A primeira greve registrada na História ocorreu no 29º ano de seu reinado, realizada pelos trabalhadores de Deir el-Medina. Isto foi descrito no chamado Papiro da Greve de Turim (cat. 1880),¹² mas há outros documentos (como o óstraco de Berlim 10633) e os “Jornais da Necrópole” que completam os detalhes acerca da mesma. Segundo Vernus (2003, p. 55), no ano 29, 2º mês da inundação, dia 21, o escriba registrou o atraso de vinte dias no envio dos grãos. Nos meses seguintes, o problema prosseguiu, de modo que no 2º mês do inverno, dia dez, anotou que os trabalhadores seguiam famintos por dezoito dias pelo atraso no envio dos grãos (*ibidem*, p. 56).

Eles decidiram, portanto, paralisar as atividades e pressionar o governo com manifestações em frente aos templos funerários e órgãos administrativos. Apesar da ousadia, não haviam ainda obtido os resultados e então passaram a ocupar os templos funerários dos faraós, recebendo solidariedade de seus funcionários, que lhe ofertaram comida (*ibidem*, p. 59). Ainda sem obter o pagamento e com a instalação de policiais nos templos funerários, os trabalhadores mudaram suas táticas e passaram a envolver seus familiares na greve. Após mais quatro dias de pressão, finalmente o salário foi pago: “Ano 29, mês dois do inverno, dia dezessete. Entregues as rações do segundo mês” (*ibidem*, p. 60). Contudo, no mês seguinte o atraso continuou. Desta vez, o movimento grevista decidiu não mais ocupar os templos funerários, mas radicalizar ameaçando saquear as tumbas reais (*ibidem*, p. 61), algo considerado um sacrilégio naquele contexto espiritual.

Após avanços e retrocessos, o movimento conseguiu garantir a regularização do pagamento, mas o atraso tornar-se-ia dali para frente um problema recorrente.

Sobre as causas do atraso nos pagamentos, há diferentes interpretações. Para Djik (2000, p. 298), as imensas doações de Ramsés III aos templos, verificadas no Papiro Harris (BM9999), especialmente ao Domínio de Amon (Karnak), desequilibraram a relação entre ambos, fortalecendo este último. Assim, a perda do controle sobre as finanças estatais e uma crise econômica resultaram na subida do preço dos grãos e consequente atraso nos pagamentos dos salários dos trabalhadores de Deir al-Medina. Opinião semelhante é

¹² O papiro está transcrito por Gardner, 1948.

compartilhada por Warburton (2000, p. 92), que entende que essas doações empobreceram o Rei e o tornaram incapaz de seguir pagando os construtores.

Antoine (2009, p. 234) faz uma abordagem quantitativa dos dados estatísticos e sugere uma possível relação do atraso na distribuição dos grãos com a flutuação das estações. Devido à ausência de documentação, conclui não ser possível saber se a greve ocorreu no período de culminância.

Outra hipótese foi levantada por Grandet (2006, p. 95), que sugere que a greve ocorreu em função das proximidades do Festival de Sed, para comemorar os 30 anos do reinado de Ramsés III. Em sua preparação, os recursos que seriam destinados aos trabalhadores de Deir el-Medina teriam sido direcionados ao festival. Justifica seu argumento apoiando-se na ideia de que após concluído o evento, os pagamentos foram normalizados e as greves cessaram.

Passado seu jubileu no Festival de Sed, Ramsés III sofreu um golpe, oriundo de uma conspiração no Harém Real. Esta instituição funcionava como uma corte paralela, cercada de prestígio, mas também preenchida de rivalidade entre as esposas do faraó (Wilkinson, 2010, p. 361). O plano foi liderado por uma esposa secundária chamada Tiy, que pretendia assassinar o rei e seu príncipe herdeiro, para alçar seu filho à condição de sucessor do trono. Como o plano envolvia muitas pessoas, inclusive do círculo íntimo do monarca, acabou por ser descoberto e seus patrocinadores foram presos e julgados (*ibidem*, p. 362). Alguns foram condenados a suicidarem-se e a terem seus nomes apagados dos monumentos; outros tiveram narizes e orelhas mutilados. O julgamento acabou por revelar divisões entre facções na realeza e na administração estatal. Ramsés III veio a falecer no 31º ano de reinado, com a causa incerta: não se sabe exatamente se foi consequência da conspiração ou por motivações naturais (*ibidem*, p. 363).

Quem assumiu o trono foi seu filho, Ramsés IV (1.153 a 1.147 a.C.), que preparou o testamento do pai no Papiro Harris (BM9999), documento que mostra a relação do Estado com os templos e o avanço destes na economia, em particular do Domínio de Amon.¹³ A partir dele, pode-se verificar o quão importante eram estas instituições religiosas na economia egípcia,

¹³ Os templos empregavam trabalhadores, detinham a posse de propriedades rurais e vilas, mantinham atividades agrícolas, oficinas, manufaturas, acumulavam tesouros, mas também eram escolas desde conhecimentos técnicos básicos a profundos ensinamentos arcanos. A relação entre templo e Estado era deveras complexa, envolvendo interesses complementares, mas também opostos. Ver Haring, 2007; Garcia 2016; Toledo Stella, 2018.

particularmente pela quantidade de pessoas que empregavam e pela posse de povoados, terras, fazendas, gado, barcos e oficinas, conforme apresenta a tabela abaixo:

	Trabalhadores Empregados	Povoados Egito	Povoados Exterior	Terra Cultivada (Km2)	Fazendas Cidades	Cabeças de Gado	Barcos e Navios	Oficinas Manufaturas
Amon (Tebas)	86.486	65	9	2.361	433	421.362	83	46
Rá (Heliópolis)	12.364	103	-	437	64	45.544	3	5
Ptah (Mênfis)	3.079	1	-	28	5	10.047	2	-
Outros	5.686	-	-	98	11	13.433	-	2
Total	107.615	169	9	2.924	513	490.386	88	53

Tab. 1 - A Importância dos Templos na Economia Egípcia no Período Raméssida. Reinado de Ramsés III (20ª Dinastia) - Valores Absolutos e Relativos. Fonte: Breasted, 1906, p. 97.

A proximidade do templo de Karnak (na margem oriental do Rio Nilo), a sede espiritual e administrativa do Domínio de Amon, com o povoado de Deir el-Medina e o complexo da Necrópole Tebana (margem oriental do Rio Nilo) resultou numa articulação econômica entre ambos. Zingarelli (2015, p. 57) concluiu que naquele contexto, o Estado egípcio como redistributivo negava a acumulação privada, mas ao mesmo tempo a habilitava como um efeito secundário de seu funcionamento. Isto ocorria tanto pelas doações reais aos templos, quanto pelo crescimento mercantil em Deir el-Medina, que se baseava na infraestrutura estatal para desenvolver-se.

3. A Crise do Novo Reinado e o Abandono da Vila no “Lugar da Verdade”

Ramsés IV (1153-1147 a.C.)¹⁴ iniciou as construções de sua tumba, templo mortuário e empreendeu a expansão do templo de Khonsu em Tebas. Ele passou de 60 para 120, os trabalhadores em Deir el-Medina (Wilkinson, 2010, p. 369). Enviou expedições às pedreiras de Wadi Hammamad¹⁵ e, para o Sinai e Timna, para coletar turquesa e cobre. Apesar do plano ousado de construções, o governo de Ramsés IV durou pouco. Ao final de seu reinado, atrasava o pagamento em Deir el-Medina, que começou a ser suprido em parte pelo Templo de Karnak (Djik, 2000, p. 299). O óstraco R97 do Museu Nicholson da Universidade de Sidney relata outra greve por atraso nos pagamentos (Zingarelli, 2017a, p. 54).

¹⁴ Mais detalhes sobre Ramsés IV, ver Peden, 1994.

¹⁵ Como registro da expedição a Wadi Hammad, há um papiro conhecido por “Papiro do Mapa de Turim”.

Ramsés V (1.147 a 1.143 a.C.) reinou pouco, mas deixou outro importante documento para o estudo econômico da época, o Papiro Wilbour, que tabula a cobrança de taxas de áreas na região de Medinet al-Fayunn, mostrando que a maior parte da terra naquele contexto era de propriedade do Domínio de Amon, apesar de haver outros diferentes tipos de proprietários (Katari, 1989). Neste reinado, veio à luz um escândalo de corrupção envolvendo um capitão de navio, que desviava grãos destinados ao templo de Khnum em Elefantina. A investigação do esquema desnudou uma rede que envolvia funcionários do Estado e altos sacerdotes de templos, acusados inclusive de cometer sacrilégios com os tesouros destinados às divindades e aos cultos. A situação em Tebas deteriorava-se e o governo não conseguia garantir o pagamento dos salários (Wilkinson, 2010, p. 370).

Ramsés VI (1.143 a 1.136 a.C.) assumiu o trono em um contexto de levante civil, especialmente pela revolta causada pela drástica redução da quantidade de trabalhadores em Deir el-Medina para apenas 60 (Djik, 2000, p. 300). Há relatos de que bandos líbios começavam a atacar a região tebana (Wilkinson, 2010, p. 371). O regime Imperial destroçava-se. As tropas egípcias retiraram-se da Palestina, embora mantivessem o controle da Núbia (Peden, 2001, p. 130). Ramsés VI foi ainda o último rei da 20ª Dinastia mencionado nas minas de turquesa de Serabit al-Khadim, na península do Sinai (Morris, 2005, p. 709).

De Ramsés VII (1.136 a 1.129 a.C.) a Ramsés VIII (1.129 a 1.126 a.C.), há poucos documentos sobre seus governos. Sabe-se, pelos registros de Deir el-Medina, que preços dos grãos subiram aos níveis mais altos e, depois, novamente caíram (Djik, 2000, p. 301).

A série de reis com governos relativamente curtos, dilacerados por crises de toda monta, seguia minando a credibilidade do regime faraônico. Isto abalava um conceito fundamental para a sustentação ideológica do regime: a “monarquia divina”, na qual o faraó era tido como uma encarnação viva do Deus Hórus (Wilkinson, 2010, p. 38). Um exemplo iconográfico utilizado para demonstrar a redução da autoridade do monarca e o aumento do prestígio do Sumo Sacerdote de Amon foi a representação deste do mesmo tamanho que o faraó no Templo de Karnak (fig. 5).¹⁶ Segundo Palmer (2014, p. 8), tal leitura, apresentada por

¹⁶ Como cânone da arte egípcia, usava-se a proporção para hierarquizar o personagem na iconografia (Watts, 1998, p. 44).

Breasted e Černý, foi contestada por Binder, que sugeriu que não era Ramsés XI quem estava representado, mas sua estátua. A despeito das interpretações desta iconografia específica, nas dinastias seguintes, os Sumo Sacerdotes de Amon passaram a dividir o poder político com os faraós no Alto Egito. Eles estabeleciam laços familiares por casamento como forma de integração sanguínea entre suas famílias.

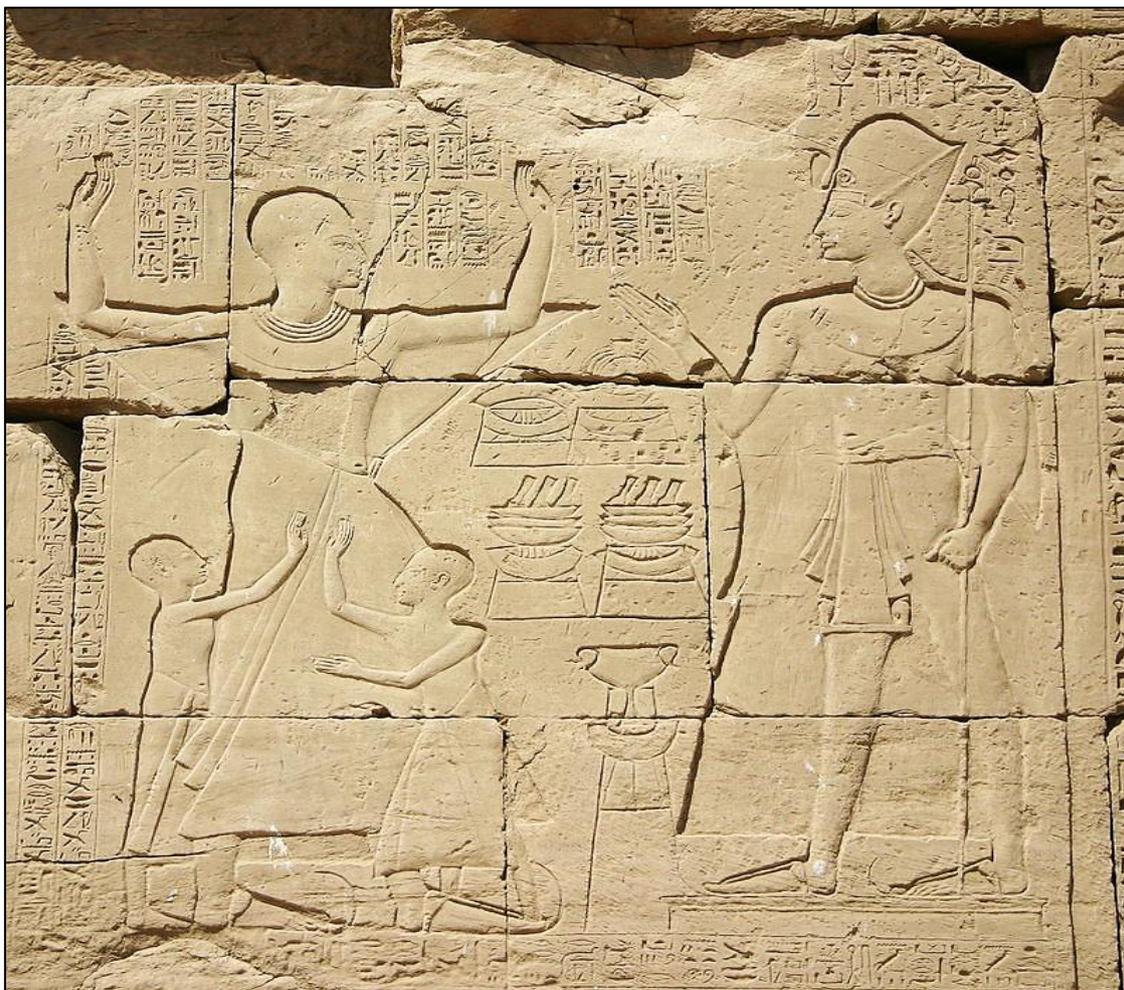


Fig. 5 – Sumo Sacerdote de Amon, Amenhotep, com o Faraó Ramsés IX. Fonte: <http://mathstat.slu.edu/~bart/egyptianhtml/kings%20and%20Queens/High_Priests_of_Amun.html>

Isto ocorreu no reinado de Ramsés IX (1.126-1.108 a.C.). A titulatura deste rei foi inscrita em Amara Ocidental, em Gezer na Palestina, no Oásis de Dakla e em Antinoe (Grimal, 1993, p. 289), sendo estas as influências residuais do Império que se desmanchava. Em seu reinado, houve registro de ao menos três greves dos trabalhadores de Deir el-Medina e uma primeira onda de roubos em tumbas privadas tebanas (Djik, 2000, p. 301). A tumba de Ramsés VI foi saqueada e monumentos de Ramsés II e Ramsés III foram vandalizados

(Wilkinson, 2010, p. 374). Alguns papiros atestam a progressiva formação de grupos de ladrões especializados no roubo de tumbas,¹⁷ mesmo com o risco das severas punições que iam de mutilação a empalamento. Segundo Zingarelli (2017a, p. 72), os ladrões eram tebanos e funcionários de um domínio do próprio palácio. Este crime era considerado um sacrilégio e ao tornar-se corriqueiro, derrubava mais um tabu associado ao poder divino do faraó. Novamente, foram mencionados ataques de bandos líbios o que, para Barwik (2011, p. 3), demonstrava a fraqueza militar do governo, uma vez que mesmo com o problema vindo desde outros faraós, ele seguia não solucionado.

No reinado de Ramsés X (1.108 a 1.099 a.C.), o vizir visitou as obras na Necrópole Tebana, mas registros do mesmo dia atestam que o trabalho precisou ser interrompido devido à ameaça de novos ataques de líbios. Apenas 32 trabalhadores de Deir el-Medina estavam envolvidos nas obras e foram registrados apenas 37 de dias de trabalho ante 184 dias sem atividades, o que demonstra que o ritmo de produção diminuía a passos largos (Barwik, 2011, p. 37).

Ramsés XI (1.099 a 1.069 a.C.) foi o último faraó da 20ª Dinastia. Ele reinou por 30 anos, mas no último terço, seu poder restringia-se apenas ao Baixo Egito (Djik, 2000, p. 301). Os problemas das últimas décadas persistiam: ataques de bandos líbios, que impediam o trabalho dos construtores das tumbas, fome (o “ano das hienas”), além de mais roubos de tumbas, palácios e templos funerários (*ibidem*, p. 302). A descoberta de outro esquema de corrupção revelou que ela tornara-se endêmica, contaminando todos os níveis do clero e do Estado. Descobriu-se que por trás dos roubos de tumbas, estavam envolvidos sacerdotes do poderoso templo de Karnak (Wilkinson, 2010, p. 376). Para completar o contexto caótico, irrompeu-se uma guerra civil.

Segundo Djik (2000, p. 302), por volta do ano doze do reinado, Ramsés XI requisitou apoio do vice-rei da Núbia, Panehesy para restaurar a lei e a ordem em Tebas. Para alimentar suas tropas, foi dado a ele ou ele usurpou o cargo de “supervisor dos celeiros”, o que causou uma disputa aberta com o Sumo Sacerdote de Amon, Amenhotep. O conflito teve uma rápida escalada e Panehesy cercou o Sumo Sacerdote no templo Medinet Habu. Amenhotep apelou pela ajuda

¹⁷ Papiros: Abbott, Leopoldo II-Amherst, BM 10052, BM 10053, BM 10054 e BM 10068. Ver Peet, 1997.

de Ramsés XI e isto resultou em guerra civil. Panehesy marchou ao norte e foi contido pelas tropas do general Piankh. Com isto, Panehesy recuou para a Núbia. Piankh avançou e ao chegar a Tebas, tomou os títulos de Panehesy e proclamou-se vizir. Com a morte de Amenhotep, Piankh assumiu o papel de Sumo Sacerdote de Amon, concentrando em si três das maiores funções do Antigo Egito: militar, política e religiosa. Ele instituiu o período que ficou conhecido como *wehem mesut*, ou “renascença”, uma espécie de marco zero no calendário para dizer que o Egito nascia novamente após um período de caos. Assim, os documentos da região tebana passaram a ser datados a partir do ano da “renascença”, que corresponde ao 19º ano do reinado de Ramsés XI.

Piankh deixou o controle da região com sua esposa, enquanto empenhava-se em uma campanha na Núbia (Wilkinson, 2010, p. 378). Em uma carta endereçada a Butenamun e a Kar, ordenava-os a realizar uma não nomeada “tarefa da qual vocês nunca embarcaram”. Isto era um eufemismo para autorizar oficialmente a instalação de uma indústria oficial de pilhagem dos tesouros acumulados por quase cinco séculos no Vale dos Reis, provavelmente para garantir o financiamento de suas campanhas militares. Butenamun¹⁸ deixou mais de 130 grafites nas montanhas tebanas para marcar onde poderiam existir tumbas que resistiram aos roubos, ataques dos líbios e à guerra civil. Com isto, mais um tabu espiritual foi quebrado. Esta atividade econômica acabou por pilhar praticamente todas as tumbas tebanas, saqueando as riquezas deixadas para o além-vida e também os amuletos enfaixados junto à múmia dos falecidos. A ação durou mais de um século e uma das poucas tumbas que se manteve preservada foi a de Tutankhamon, por ter sido um faraó de curto reinado e que teve seu nome apagado da História.

Com a morte de Piankh, seu genro Herihor assumiu suas funções e herdou os títulos reais. Ao norte, Smendes (1.069 a 1.043 a.C.) sucedeu no trono de Ramsés XI e, portanto, o Reino de Kemet ( , *kmt*)¹⁹ encontrava-se novamente dividido entre Alto e Baixo Egito. Segundo Garcia (2016, p. 250), neste contexto, novas formas de organização econômica emergiram, mais

¹⁸ Títulos de Butenamun: “O que abre as portas das necrópoles”, “Escriba real do lugar da verdade”, “Inspetor dos recrutados no horizonte da eternidade”, “Inspetor do trabalho na casa da eternidade”, “Inspetor da casa do tesouro do Senhor das Duas Terras no Lugar da Verdade”.

¹⁹ Nome que os antigos egípcios chamavam o próprio Reino, com a possível tradução de “terra preta”, em referência às férteis áreas agriculturáveis do Vale do Nilo.

descentralizadas e influenciada pela integração do Antigo Egito com as redes econômicas do Mediterrâneo, Oriente Próximo e Nordeste Africano.

Ao Sul, no Vale dos Reis, a tumba de Ramsés XI sequer foi completada e nunca chegou a ser ocupada por seu corpo. Os trabalhadores abandonaram a vila de Deir el-Medina, passaram a habitar o templo memorial de Ramsés III (Medinet Habu)²⁰ e vingaram-se dos problemas que seus ancestrais tiveram com falta de salários ao trabalharem na indústria de pilhagem das tumbas da Necrópole Tebana, especialmente do Vale dos Reis. Agora, eles não mais guardavam-nas de ladrões ou saqueadores, mas eles mesmos passavam a explorá-las, sob as ordens de ninguém menos que o Sumo Sacerdote de Amon, com apoio do próprio clero tebano. Estes, muito provavelmente, eram os maiores beneficiários e acumuladores desta “nova” riqueza. Com tais recursos colocados em circulação, este tesouro representou um fator de dinamização da economia do Alto Egito.

Ao norte, Smendes transferiu a capital de Per-Ramesse a Tanis, mobilizando a força de trabalho disponível dos herdeiros dos sobreviventes das inúmeras guerras que assolaram a região, contando, ainda, com fluxo de imigrantes de outras localidades que procuravam chance de sobrevivência no Egito em meio à reconfiguração geopolítica regional. Como sempre acontecera, as obras encomendadas pelo Estado eram um fator de dinamização da economia, pois demandava força de trabalho e matérias-primas para a realização daquilo que era planejado. A pilhagem da Necrópole Tebana acabou por fornecer bens usurpados de antigos faraós como suas mobílias funerárias, que acabou chegando até mesmo ao Baixo Egito.

Finalizou-se, assim, o Novo Reinado, o Período Raméssida e a 20^a Dinastia, começando a 21^a Dinastia no 3^o Período Intermediário.²¹ O Império egípcio ruiu. O conto de Wenamum mostra o quanto o velho Egito havia perdido de prestígio.²² Internamente, as estruturas econômicas acomodaram-se a uma

²⁰ Segundo, Cardoso (1996, p. 77), na 20^a Dinastia, Tebas Oeste passou a ter uma administração própria e, por volta do 120 ano do reinado de Ramsés XI, o papiro BM10068 listava 3 templos e 179 casas, com seus respectivos chefes de família e suas atividades, sendo 52% ligado ao culto e 47% ligados a atividades primárias.

²¹ Uma nova análise sobre a transição do Novo Reinado ao 3^o Período Intermediário foi feita por Mladjov (2017).

²² Sobre as evidências arqueológicas e geográficas de Wenamun, ver Donnelly, 2004.

nova realidade.²³ O norte dinamizava-se com as obras da nova capital e o sul, com a indústria da pilhagem da necrópole. Logo, o poder faraônico seria formalmente restabelecido, contudo quem dirigiria os rumos do reino econômica, política e espiritualmente seriam os templos, especialmente o Domínio de Amon no Alto Egito.

Grandet (2014, p. 10) sugere que a perda dos recursos dos territórios asiáticos freou a “economia redistributiva” que mantinha um “pacto social no Egito” (obediência x abundância). Isso tirou a legitimidade da estrutura de poder estabelecida, abrindo o caminho a um novo regime. Assim, a queda do Antigo Egito imperial acabou por constituir-se de um dos mais importantes episódios no colapso do “Sistema-Mundo da Idade do Bronze” (Warburton, 2011; Frank e Gills, 1993), reconfigurando completamente a geopolítica regional.

Para os egípcios antigos, Maat, a Deusa da Verdade e da Justiça, representava a ordem cósmica, o correto, o retilíneo e o perfeito (Toledo Stella, 2018). Desordem, caos, anarquia e degradação eram o oposto de Maat. Neste período, foi o que prevaleceu. Como se o Antigo Egito imperial entrasse no crepúsculo, conforme a ideia cíclica de tempo, do movimento eterno do sol nascer e se pôr e que, após o esplendor ao meio-dia, caminha para ocultar-se ao fim da tarde. Este não seria o fim do Antigo Egito faraônico, mas o final de um duradouro ciclo de uma de suas mais esplendorosas fases, marcada pelo seu apogeu em termos de desenvolvimento das forças produtivas e associado à projeção externa de poder militar.

Como observa Marx (2008, p. 47-48), não se pode julgar uma época de transformações pela consciência que ela tem de si mesma, mas explicá-la pelas contradições da vida material, pelo conflito entre as forças produtivas sociais e as relações sociais de produção:

Em uma certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes, ou, o que não é mais que sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais elas se haviam desenvolvido até então. De formas evolutivas das forças produtivas que

²³ Na tese de Cole (2016), o chamado 3º Período Intermediário não deveria ser associado à “decadência”.

eram, essas relações convertem-se em entraves. Abre-se, então, uma época de revolução social.

Assim, no Período Raméssida, o Antigo Egito viveu um apogeu no desenvolvimento de suas forças produtivas, de acordo com seus fundamentos históricos, através de sua economia imperial. No seio das suas próprias estruturas econômicas, emergiu uma contradição entre o poder dos templos sob a hegemonia do Domínio de Amon, ao Sul, e o que restara do poder faraônico, ao Norte. Num contexto de colapso das antigas estruturas, os “Servidores do Lugar da Verdade” perceberam que seus interesses eram contraditórios àqueles sustentados econômica, política, ideológica e espiritualmente pelo sistema faraônico vigente. Eles participaram ativamente de um contexto de transformações econômicas e sociais e, ao final, passaram a integrar-se no processo de expropriação da riqueza acumulada por séculos pelos faraós. Aquilo que teria sido usado para garantir o além-vida dos monarcas mortos, viria a pertencer novamente aos vivos, especialmente aos sacerdotes do Domínio de Amon, mas também a esses trabalhadores.

Conclusão

O fim do Novo Reinado teve diferentes efeitos em cada região do Antigo Egito. No sítio arqueológico de Deir el-Medina, no Alto Egito, onde viveram os construtores das tumbas da Necrópole Tebana, uma rica documentação preservou-se. Esta, combinada com aquela encontrada nas redondezas da atual cidade de Luxor, permitiu o desenvolvimento de uma rica historiografia acerca dos eventos que levaram ao fim do Período Raméssida.

Num clima de convulsões sociais, agressões externas e guerra civil, vieram à tona conspirações, corrupção, roubos de tumbas e até mesmo a instalação de uma indústria de pilhagem. Nesse processo, os trabalhadores do “Lugar da Verdade”, ou seja da Necrópole Tebana, ousaram questionar os poderes divinos do faraó, parando de trabalhar na construção de sua tumba enquanto seus pagamentos não eram quitados. Foram as primeiras greves registradas na História.

Quando se visita no Vale dos Reis, as dezenas de tumbas escavadas detalhadamente na montanha, com seus incontáveis labirintos e finas decorações

iconográficas, muitas vezes o turista ignora que por trás daquelas obras de valor artístico inestimável havia braços de trabalhadores que suportavam todos os tipos de situações, a fim de garantir a morada eterna de seu Rei. Poucos imaginam que esses mesmos trabalhadores foram protagonistas de eventos marcantes no processo de queda do Império Egípcio do Novo Reinado.

Pode-se concluir que, muito mais importante do que um eventual surgimento do “homem econômico”, no Crepúsculo do Antigo Egito imperial, nasceu, com os “Servidores do Lugar da Verdade”, a consciência de existirem contradições objetivas entre seus interesses de classe enquanto trabalhadores com os fundamentos do regime faraônico. Mais ainda: aprenderam que somente com mobilização conseguiriam conquistar aquilo que lhes era de direito. Cabe-lhes, portanto, um reconhecimento na História Mundial como pioneiros nas lutas trabalhistas.

Artigo recebido em 06.04.2019, aprovado em 04.06.2019.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Primárias

Breasted, James. *Ancient Records of Egypt*. Volume 4. Chicago: The University Press, 1906.

Gardner, Alan. *Ramesside Administrative Documents*. Londres: Oxford University Press, 1948.

Bibliografia Crítica

Antoine, Jean-Christophe. The Delay of the Grain Ration and its Social Consequences at Deir el-Medîna in the Twentieth Dynasty: A Statistical Analysis. *The Journal of Egyptian Archaeology*, vol. 95, 2009, p. 223-234.

Barwik, Miroslaw. *The Twilight of Ramesside Egypt: Studies on the History of the Ramesside Period*. Varsóvia: Agade, 2011.

Bleiberg, Edward. The Economy of Ancient Egypt. In: Sasson, Jack (org.). *Civilizations of the Ancient Near East*. Volume 3. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1995, p. 1373-1385.

Cardoso, Ciro. Considerações Funcionais acerca das Cidades Egípcias do Reino Novo (XVIII^a – XX^a Dinastias). *Revista Phoînix*, vol. 2, n. 1, 1996, p. 71-82.

Černý, J. *A Community of Workmen in Thebes in Ramesside Period*. Cairo: Bibl. D'Étude, 1973.

Cline, Eric; O'Connor, David. *Ramesses III – The Life and Times of Egypt's Last Hero*. Michigan: The University of Michigan Press, 2015.

Cole, Edward. *Decline in Ancient Egypt? A Reassessment of the Late New Kingdom and Third Intermediate Period*. Tese (Doutorado em Filosofia) – University of Birmingham, Birmingham, 2016.

Cooney, Kathlyn. Profit or Exploitation? The Production of Private Ramesside Tombs within the West Theban Funerary Economy. *Journal of Egyptian History*, vol. 1, n. 1, 2008, p. 79-115.

Djik, Jacobus. The Amarna Period and the Later New Kingdom. In: Shawn, Ian (org.). *The Oxford History of Ancient Egypt*. Nova York: Oxford University Press, 2000, p. 272-313.

Donely, Deborah. *Archaeological and Geographical Evidence for the Voyage of Wenamun*. MA: 2004.

Eyre, Christopher. Work and the organization of work in the New Kingdom. In: Powell, M. (ed.). *Labor in the ancient Near East*. New Haven: American Oriental Society, 1987, p. 167-221.

Frank, André; Gills, Barry. *The World-System: Five-Hundred Year or Five Thousands?* Londres e Nova York: Routledge, 1996.

Garcia, Juan Carlos. Temples and Agricultural Labour in Egypt, from the Late New Kingdom to the Saite Period. In: _____. (org.) *Dynamics of Production in the Ancient Near East (1300–500 BC)*. Oxford: Oxbow, 2016, p. 223-256.

Grandet, Pierre. *Ramses III: histoire d'un règne*. Paris: Pygmalion, 1993.

_____. Les Grèves de Deir el-Médîneh. In: Molin, Lichel (ed.) *Les Régulations Sociales dans l'Antiquité*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2006, p. 87-96.

_____. Early to Mid-20th Dynasty. In: Grajetzki, Wolfram; Wendrich, Willeke (orgs.) *UCLA Encyclopedia of Egyptology*. Los Angeles: University of California Press, 2014, p. 1-15.

Grimal, Nicolas. *A History of Ancient Egypt*. Londres: Blackwell Books, 1993.

Haring, Ben. Ramesside Temples and the Economic Interests of the State. In: Fitzenreiter, Martin (ed.). *Das Heilige und die Ware Zum Spannungsfeld von Religion und Ökonomie*, vol. 7, Berlin: IBAES, 2007.

_____. Deir el-Medina. In: Redford, Donald (org.). *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 165-170.

Henry, John. *The Social Origins of Money: the case of Ancient Egypt*. Disponível em: <<http://www.csus.edu/indiv/h/henryjf/pdfs/egypt.pdf>>. Sacramento: 2002.

Janssen, Jan. *Commodity Prices from Ramesside Period*. Leiden: E. J. Brill, 1975.

Katary, Saly. *Land and Tenure in the Ramessid Period*. Londres e Nova York: Kegan Paul International, 1989.

Kemp, Barry. *Ancient Egypt: Anatomy of a Civilization*. 2ª Edição. Abingdon e Nova York: Taylor & Francis Routledge, 2006.

Lull, José. El Reino Nuevo II: la Época Ramésida. In: Ortiz, José (org.). *El Antiguo Egipto: Sociedad, Economía y Política*. Madri: Marcial Pons, 2008, p. 388-424.

Mandeville, Richard. *Wage accounting in Deir Al-Medina*. Wallasey: Abercromby Press, 2014.

Marx, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. 2ª Edição. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

McDowell, A. G. *Village Life in Ancient Egypt: Laundry Lists and Love Songs*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

Meskeel, Lynn. An Archaeology of Social Relations in an Egyptian Village. *Journal of Archaeological Method and Theory*, vol. 5, n. 3, 1998, p. 209-243.

Mladjov, Ian. The Transition between the Twentieth and Twenty-First Dynasties Revisited. *Birmingham Egyptology Journal*, vol. 5, 2017, p. 1-23.

Morris, Ellen. *The Architecture of Imperialism: Military Bases and the Evolution of Foreign Policy in Egypt's New Kingdom*. Leiden e Boston: Brill, 2005.

Palmer, Jennifer. The High Priests of Amun at the End of the Twentieth Dynasty. *Birmingham Egyptology Journal*, vol. 2, 2014, p. 1-22.

Peden, Alexander. *The Reign of Ramesses IV*. Liverpool: Aris & Phillips Ltd, 1994.

_____. *The Graffiti of Pharaonic Egypt*. Leiden: Brill, 2001.

Peet, T. *The Great Tomb Robberies of the 20th Egyptian Dynasty*. New York: Hildesheim, 1997.

Shaw, Ian. *The Oxford History of Ancient Egypt*. Nova York: Oxford University Press, 2000.

Toledo Stella, Thomas. Cosmogonias e Demiurgos: Diversidade Religiosa no Antigo Egito e sua Relação com o Poder Faraônico. In: *III Encontro do GT História Antiga e Medieval ANPUH-SC*. 2017, UFSC. Anais. Florianópolis: Jurisciência, 2017, p. 153-162. Disponível em <<https://gtantigamedievalsc.wixsite.com/iiiencontro>>. Acesso: 14/3/2019.

_____. O Domínio de Amon: A Importância de Ipetsut (Karnak) na Economia Egípcia do Reino Novo. In: Brancaglion Jr., Antônio; Chapot, Gisela (orgs.),

Semna: Estudos de Egiptologia. Volume 5. Rio de Janeiro: Editora Klíne, 2018, p. 135-149.

Vernus, Pascal. *Affairs and Scandals in Ancient Egypt*. London: Cornell University Press, 2003.

Warburton, David. Before the IMF: The Economic Implications of Unintentional Structural Adjustment in Ancient Egypt. *Journal of the Economic and Social History of the Orient*, vol. 43, n. 2, , 2000, p. 65-131.

_____. The Egyptian Example and the Macroeconomic Implications. In: Perma, Massimo (org.). *Fiscality in Mycenaean and Near Eastern Archives*. Paris: 2006, p. 255-266.

_____. What Might the Bronze Age World-System Look-Like? In: Wilkinson, Toby; Sherratt, Susan; Bennett, John (orgs.). *Interweaving the World: Systemic Interactions in Eurasia, 7th to 1st Millennia BC*. Oxford: Oxbow, 2011, p. 1-58.

Watts, Edith. *Art of Ancient Egypt: A Resource for Educators*. Nova York: The Metropolitan Museum, 1998.

Wilkinson, Toby. *The Rise and Fall of Ancient Egypt*. Londres: Bloomsbery, 2010.

Zingarelli, Andrea. Tebas durante el período Ramésida: Redistribución y Circulación de Bienes. *Revista Mundo Antigo*, vol. 4, n. 7, 2015, p. 49-63.

_____. Huelgas de Trabajadores en el Imperio Nuevo Egipcio. In: Astarita, Carlos; McGaw, Carlos; _____. (orgs.). *Conflictos Sociales en la Antigüedad y el Feudalismo*. La Plata: Editorial de la Universidad de La Plata, 2017a, p. 53-62.

_____. Contradicciones Sociales a fines del Imperio Nuevo Egipcio: Los Robos de Bienes. In: Astarita, Carlos; McGaw, Carlos; _____. (orgs.). *Conflictos Sociales en la Antigüedad y el Feudalismo*. La Plata: Editorial de la Universidad de La Plata, 2017b, p. 63-73.